

12087 - Curso de Formação em Agroecologia: a auto-organização dos estudantes por uma formação profissional e humana emancipatória

FAGUNDES, Rita¹; LEAL, Tatiane²; AMORIM, Lucas³; ANDRADE, David⁴; PRENAZZI, Luiz⁵.

1 Universidade Federal de Sergipe, ritafagundes@hotmail.com; 2 Universidade Federal de Sergipe, leal.tata@hotmail.com; 3 Universidade Federal de Sergipe, lucasdoamorim@bol.com.br; 4 Universidade Federal de Sergipe, david.c7@hotmail.com; 5 Universidade Federal de Sergipe, guilhermemuchila@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões sobre a contribuição do III Curso Nacional de Formação em Agroecologia, curso este, construído e organizado por algumas executivas de curso, com o objetivo de proporcionar aos estudantes, a partir de atividades teóricas e práticas, uma visão mais ampla sobre o campo e os problemas que estão associados ao modelo dominante de produção, de modo que os estudantes possam perceber que a Agroecologia não é somente mais uma disciplina ou um novo paradigma, mas também é um instrumento de luta e de transformação social.

Palavras-Chave: Agroecologia; Formação; Emancipação; Transição.

Contexto

Diante das fortes críticas ao modelo de formação profissional implementado nas universidades brasileiras, que ainda priorizam uma formação voltada aos interesses do capital, somadas as reflexões e experiências do movimento estudantil, surgiu a necessidade de não apenas discutir, mas propor e criar um espaço em que fosse possível fazer com que a Agroecologia pudesse dialogar com temas historicamente debatidos pelas executivas de curso - universidade, formação profissional, juventude, gênero, movimentos sociais - de modo que se explicitasse a relação intrínseca entre esses temas e não se travasse uma luta isolada pela Agroecologia, cujos resultados pouco contribuiriam para uma efetiva transformação social.

Compreendendo a Agroecologia como um novo paradigma, uma nova maneira de abordar a realidade agrícola, onde haja integração entre conhecimentos de diversas ciências, incluindo o saber popular, chegou-se à conclusão de que era preciso construir um curso que unisse teoria e prática, somada a análise da realidade. A primeira experiência foi realizada pela Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal (ABEEF) em 2007, na cidade de Piracicaba – SP, tendo como objetivo principal diminuir a distância entre os militantes do movimento estudantil e a pauta da Agroecologia. A segunda experiência foi realizada em 2009, no Assentamento Quissamã, em Sergipe e foi organizada pela ABEEF, pela Entidade Nacional de Estudantes de Biologia (ENEBio) e pela Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). Esta experiência proporcionou uma reflexão, sobre qual o real objetivo do CFA e o papel da Agroecologia como ferramenta de formação.

A partir das duas experiências descritas acima, o coletivo organizador do CFA pode dar passos mais largos, no sentido de construir a proposta política e avançar nos objetivos dessa ferramenta de formação. Para tanto, deliberou-se os sujeitos desse curso de

formação seriam os militantes novos que já estavam inseridos nas organizações estudantis e que necessitavam de aprofundamentos na formação política. Partindo deste cenário, a III edição do CFA teve como objetivos:

Proporcionar aos estudantes uma visão mais ampla sobre o campo e seus problemas associados ao modelo de produção;

Vivenciar novas alternativas, aliando teoria e prática, tendo em vista que uma não pode estar dissociada da outra;

Fornecer elementos que aprofundem o debate da Agroecologia, numa perspectiva de transformação, visando à transição agroecológica;

Contribuir na formação dos estudantes, para que possam visualizar a realidade agrária/agrícola, capacitando-os como disseminadores da Agroecologia;

Trabalhar a interdisciplinaridade da Agroecologia, entendendo que esta não está isolada nas Ciências Agrárias, pelo contrário, deve dialogar com as diversas áreas do conhecimento;

Macrofauna in two different environments in the region of Paraíba Cariri

Conhecer tecnologias sustentáveis que possam ser aplicadas à realidade do campo.

Descrição da experiência

A terceira edição do curso foi realizada entre os dias 8 e 14 de maio de 2011, nas dependências do Centro de Formação do Assentamento Vida Nova, na Barra do Piraí – RJ. Assim como o segundo, o III CFA foi construído e organizado pela ABEEF, ENEBio e FEAB e contou com a participação de sessenta e cinco estudantes de cursos e universidades variadas. Dos quais participaram alguns alunos da Universidade Federal de Sergipe, autores desse relato.



Participantes do III CFA



Atividades teóricas



Atividades práticas

Partindo da premissa de que a educação agroecológica deva se apresentar como uma opção que possibilite uma nova relação entre os seres humanos, o sistema produtivo e a natureza, buscou-se construir um curso que aliasse teoria e prática, numa perspectiva de transformação social e emancipação humana. Para isso, a partir de oficinas, mutirões, mini-cursos e troca de experiência com agricultores, foram trabalhados alguns princípios do método pedagógico do Instituto de Educação Josué de Castro que tem como premissa, não formar apenas técnicos, pois se entende que a formação, se dá, para além

das aulas, ou seja, é preciso de um tempo para leitura, para o trabalho, para as oficinas, para o lazer, que trabalhados conjuntamente, ajudam a desenvolver nos sujeitos do processo pedagógico, aptidões necessárias a organização coletiva, tanto da produção, como da vida social (ITERRA, 2003).

Assim, educadores e educandos tiveram que se inserir (sentir-se) co-participantes do processo, de modo que todos, devidamente organizados, participaram da gestão de todo o curso, passando de beneficiários para protagonistas, numa perspectiva em que a educação deva ser problematizadora e dialógica. Pois como já dizia Freire, “não temos que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, critica e, criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito de transformação” (FREIRE, 1983, p. 33).

Para dar conta dos objetivos propostos, o curso foi dividido em tempo trabalho e tempo educativo. Para isso, foram organizadas equipes de trabalho, chamadas de núcleos de base (NB). Nesses núcleos, foram organizadas as tarefas de limpeza, organização e preparação dos diversos espaços. Assim, tanto os estudantes como os agricultores participantes, puderam se organizar com maior dinamicidade, potencializando o curso.

Resultados

Não há dúvida quanto à importância dessa ferramenta de formação para os estudantes universitários brasileiros. Não se trata apenas um curso, mas de um instrumento que busca contribuir com a transformação do modelo agrícola dominante, de concepção produtivista e excludente.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o Curso de Formação em Agroecologia possui características de resistência e superação ao modelo hegemônico de agricultura, oferecendo a seus participantes, experiências alicerçadas no trabalho coletivo, na solidariedade, na promoção da equidade, no respeito e valorização das culturas e na justiça sócio ambiental, contribuindo assim, não só com a formação profissional, mas principalmente, com a formação humana.

“O curso proporcionou outra maneira de socialização do conhecimento, onde as pessoas tiveram uma relação mais próxima – de igualdade e coletividade, e não verticalizada como vemos no meio acadêmico - proporcionando participação, interação e troca entre os participantes, facilitando o desenvolvimento do curso e do aprendizado”.

Como o curso ocorre em áreas de assentamento da reforma agrária, importante destacar que ele aproxima o estudante dos movimentos sociais e do campo, desmistificando as tentativas de criminalização dos movimentos sociais que lutam pela reforma agrária.

Ao trabalhar novos valores e novas relações sociais e de produção, o curso faz com que o estudante reflita sobre o papel do profissional na sociedade - a quem ele deve servir, para que e para quem a universidade serve hoje.

“Na universidade construímos e adquirimos concepções de ciência e tecnologia que muitas vezes – quase sempre - estão desfocadas da realidade e não atendem a

demanda da sociedade. No CFA trabalhamos outros valores – que não são baseados em hierarquia e poder - onde as relações humanas são horizontais, e constituídas no respeito ao companheiro e na coletividade”.

“A ciência deve-se basear num conhecimento libertador, onde é valorizado o saber popular e o respeito ao meio ambiente, de modo que as tecnologias sejam aplicadas de acordo com a realidade existente no local, considerando-se que o produtor é sujeito de suas ações, e o técnico é apenas um facilitador /auxiliador. O conhecimento deve ser utilizado para levar respostas aos problemas enfrentados pela população, e não pra gerar lucro para as grandes empresas”.

“Na academia vemos todos os dias o modelo de ensino que está voltado pra formação de profissionais que vão servir e manter o sistema político/econômico que está implantado – capitalismo – formando mão de obra barata para trabalhar nas grandes empresas. No meio agrário, por exemplo, os profissionais são formados para trabalhar para o agronegócio, através do aprendizado convencional da agricultura - que utiliza agrotóxicos, transgênicos, priorizando-se monoculturas para exportação e concentração de terras. A academia ainda prioriza a formação de profissionais que são apenas transferidores de tecnologias (desconectados da realidade), e que perderam a capacidade crítica e reflexiva do pensar e agir coletivo para servir a sociedade”.

No que se refere aos resultados desta experiência – considerando o número de estudantes beneficiados com o curso - podemos afirmar que eles ainda são poucos, ou melhor, contribuíram para um número reduzido de estudantes. No entanto, se considerarmos que emancipar-se, significa libertar-se da opressão e dominação a que se está submetido, numa perspectiva de autonomia, responsabilidade e compromisso com o processo de humanização (FREIRE, 2005), podemos afirmar que os resultados são satisfatórios, pois possibilitou aos participantes, um elevado grau de consciência e reflexão crítica sobre o modelo dominante de formação encontrado nas universidades, demonstrando ainda, a importância da Agroecologia, de modo que hoje, todos os estudantes da Universidade Federal de Sergipe que participaram do CFA, estão participando ativamente no Grupo de Estudos e Vivências Agroecológicas da Universidade e estão militando no movimento estudantil.

Agradecimentos

À ABEEF, FEAB e ENEBio, que unem esforços para uma formação acadêmica aliada aos interesses das classes populares.

Referências

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INSTITUTO TÉCNICO DE CAPACITAÇÃO E PESQUISA DA REFORMA AGRÁRIA.

Instituto de Educação Josué de Castro: Projeto Pedagógico. Cadernos do ITERRA, Veranópolis: texto interno, 2003.